



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Memoria colectiva y luchas sociales contemporáneas en América Latina: la tradición de los oprimidos en contra de la temporalidad abstracta del progreso

Fabio Mascaro Querido¹

Resumen: Bajo el capitalismo moderno, la necesidad de cuantificación abstracta del trabajo humano, impuesta por la universalización de la forma-mercancía, impulsó un proceso de “racionalización” abstracta de la temporalidad: el predominio del trabajo abstracto sujeta el trabajo al tiempo homogéneo, que se transforma, a su vez, en la “síntesis social” de estas formas de “abstracciones reales”: el dinero. Para Walter Benjamin, la dominación de esta temporalidad abstracta es uno de los fundamentos de la constitución de un “discurso filosófico” del progreso, que legitima el presente como el resultado *históricamente necesario* de la *evolución* del pasado. El fetichismo de la mercancía se transforma, así, en el fetichismo del concepto. Exactamente por eso, la ruptura con la temporalidad lineal del *continuum* histórico “oficial”, y la construcción de otra concepción del tiempo y de la historia - a partir de la memoria colectiva de la *tradición de los oprimidos* -, constituyen, aún hoy, una dimensión fundamental de los procesos de resistencia práctica y teórica de las clases subalternas a la dominación del capital y del fetichismo del progreso. En América Latina, especialmente, la subversión de la temporalidad “vacía y homogénea” de las ideologías del progreso posibilita establecer una “constelación” entre las revueltas indígenas y populares del pasado y del presente, como comprobamos movimientos sociales tales como el zapatismo de Chiapas o el MST brasileño. De acuerdo con esta perspectiva, el objetivo de este trabajo es acentuar la importancia y la actualidad – sobre todo en Latinoamérica – de Walter Benjamin para la construcción de una memoria colectiva y de una subjetividad revolucionaria de las clases subalternas, en contra de la temporalidad abstracta del progreso, que ve en el pasado la prefiguración de un presente ahora absoluto.

¹ UNESP/FAPESP/Brasil. fabiomascaro@yahoo.com.br



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

Memoria colectiva y luchas sociales contemporáneas en América Latina: la tradición de los oprimidos en contra de la temporalidad abstracta del progreso

“La cloche de mon coeur chante à voix basse une espoir très ancien”. Louis Aragon.

Progresso e temporalidade abstrata na modernidade capitalista

Sob o capitalismo, a universalização da forma-mercadoria coincide com o processo de abstração do trabalho, que é mensurado e igualado formalmente conforme os imperativos da acumulação de capital – condição indispensável para o estabelecimento da troca mercantil. “A universalização da forma-mercantil condiciona tanto sob o aspecto objetivo quanto sob o subjetivo, uma abstração do trabalho humano que se objetiva nas mercadorias” (LUKÁCS, 2003, p.200). Desde então, a igualdade e a equivalência formal entre as diversas formas concretas de trabalho tornam-se um pressuposto absolutamente necessário para a expressão e a realização do valor no mercado. A generalização do trabalho abstrato e da produção formalmente universal de valor de troca contribui decisivamente para a comparação e a troca das mercadorias no processo de distribuição e consumo (GOLDMANN, 1967, p.116).

Nesse processo, em que se interrompe a relação do produtor com o produto acabado, o trabalhador confronta-se com o resultado de sua própria atividade, com o seu trabalho, que lhe aparece como algo independente, como uma *objetividade estranha* aparentemente dotada de leis próprias. Segundo Lukács: “Subjetivamente, numa economia mercantil desenvolvida, quando a atividade do homem se objetiva em relação a ele, torna-se uma mercadoria que é submetida à objetividade estranha aos homens” (LUKÁCS, 2003, p.199). Ou ainda, como diria o próprio Marx (1980, p.81), com o fetichismo da mercadoria, “uma relação social definida, estabelecida entre os homens, assume a forma fantasmagórica de uma relação entre coisas”. Daí o caráter “misterioso” da mercadoria, suas “sutilezas metafísicas e argúcias teológicas” que encobrem “as características sociais do próprio trabalho dos homens” (MARX, 1980, p.81). A força de trabalho apresenta-se, ela também, como uma mercadoria, como uma objetividade



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

alienada que se realiza nas mercadorias. Na produção mercantil, “o valor de apresenta à consciência dos homens como uma qualidade objetiva da mercadoria”

A separação radical entre a atividade mecânica realizada pelos trabalhadores e o comando global da atividade produtiva estabelece, além disso, a necessidade de uma “racionalização” abstrata do tempo, ou seja, de uma mecanização quantitativa da temporalidade, cuja autonomia aparente impõe-se aos homens como algo que lhe é exterior (TISCHLER, 2004). A elaboração de uma nova temporalidade, assentada no “tempo do relógio”, era “uma das mais urgentes dentre as novas necessidades que o capitalismo industrial exigia para impulsionar o seu avanço” (THOMPSON, 2005, p.279). A necessidade de mensuração abstrata do trabalho humano, imposta pela universalização da forma-mercadoria, impulsionou um processo de “racionalização” abstrata da temporalidade: o predomínio do trabalho abstrato subordina o trabalho ao tempo homogêneo, que se transforma, por sua vez, ao longo da reprodução global do capital, na “síntese social” destas formas de “abstração reais”: o dinheiro, que aparece agora como *a mercadoria universal segundo a determinação do tempo*, conforme afirmou Marx nos *Grundrisse* (Cf. BENSÄID, 1999, p.122). O tempo torna-se, então, a medida e a substância do valor: como *tempo de trabalho socialmente necessário*, ele se torna a medida comum formal e abstrata da produção e circulação do capital, que também é, ele próprio, uma forma perversa de realização do valor. Tempo e movimento do capital determinam-se reciprocamente: “o tempo (social) mede a acumulação do capital cujas rotações determinam a substância social do tempo” (BENSÄID, 1999, p.122).

Não por acaso, sob os imperativos da estrutura mercantil, “abstração relojoeira e abstração monetária caminham junto [...]. O tempo é dinheiro. O dinheiro é tempo. Os tempos capitais tornam-se o tempo do capital”, que se transforma na medida mercantil de qualquer coisa, “a começar pela atividade humana reduzida a uma simples ‘carçaça do tempo’” (BENSÄID, 1999, p.111, 112). Como o trabalho, o tempo torna-se uma mercadoria – um tempo-mercadoria (DEBORD, 1997); ele se torna, assim, um tempo “vazio e homogêneo” – como diria Walter Benjamin – que se impõe abstratamente aos homens, como algo que lhe é *exterior* e frente ao qual ele não pode ter qualquer controle. Em palavras de Lukács (2003: 205):

“O tempo perde, assim, o seu caráter qualitativo, mutável e fluído: ele se fixa num *continuum* delimitado com precisão, quantitativamente mensurável, pleno de ‘coisas’ quantitativamente mensuráveis (os ‘trabalhos realizados’



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

pelo trabalhador, reificados, mecanicamente objetivados, minuciosamente separados do conjunto da personalidade humana)”.²

No capitalismo moderno, como disse Marx em sua polêmica com Proudhon, “o tempo é tudo, o homem não é nada; é quando muito a carcaça do tempo. Já não se levanta o problema da qualidade. A quantidade por si só decide tudo: hora por hora, dia por dia” (MARX, 2001, p.49). Na sociedade capitalista, como uma quantidade mensurável, “todo o tempo deve ser consumido, negociado, *utilizado*” (THOMPSON, 2005, p.298). Acompanhando o desenvolvimento das indústrias e da nova disciplina das máquinas – quando o trabalhador se transforma em um “apêndice das máquinas”, como diria Marx – o tempo transforma-se, ele também, em mais uma das múltiplas modalidades de dominação do capitalismo.

Com isso, muito além de uma objetividade reificada restrita à esfera da produção – em que a mercadoria produzida aparece ao produtor como algo que lhe é “estranho”, como uma objetividade de aparência independente -, a estrutura mercantil incide sobre o conjunto da vida social, remodelando-a “à sua própria imagem” (LUKÁCS, 2003, p.196). A reificação alcança todas as esferas da realidade social sob o capitalismo, transformando o ritmo da produção e da circulação de mercadorias e de capital na temporalidade que define a vida social em sua totalidade. No capitalismo moderno, a relação mercantil torna-se o protótipo de todas as formas de objetividade e de subjetividade, transformando-se no problema central da sociedade capitalista em todas as suas manifestações vitais. A mercadoria penetra no conjunto da vida social, razão pela qual ela se torna a *categoria universal* do ser social, em suas múltiplas dimensões. Pela primeira vez na história, todas as esferas da vida social são submetidas a um processo econômico unitário. Nesse contexto, o processo de reificação adquire uma importância decisiva, “tanto para o desenvolvimento objetivo da sociedade quanto para a atitude dos homens a seu respeito, para a submissão de sua consciência às formas nas quais essa reificação se exprime” (LUKÁCS, 2003, p.198)².

É por isso que, para Walter Benjamin, a dominação desta temporalidade abstrata é um dos fundamentos básicos da constituição de um “discurso filosófico” do progresso, que legitima o presente como o resultado *historicamente necessário* da *evolução* do

² Aliás, é por isso que para Marx a mercadoria é a dimensão que “sintetiza”, por assim dizer, a totalidade do mundo do capital. Não por acaso, a mercadoria constitui-se no ponto de partida d’*O Capital*, ponto de partida cujos desdobramentos revelam as múltiplas dimensões e mediações do conjunto da vida social no capitalismo. Cf. BENOÏT, 1996.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

passado. O fetichismo da mercadoria desdobra-se, assim, no fetichismo do conceito, cuja *sistematicidade* almeja determinar através de um ato meramente teórico e conceitual, a racionalidade da história, esgotando-a em modelos supra-históricos, abstratos e lineares. O tempo, aqui, como o tempo abstrato da valorização do capital, é tão-apenas a medida formal que confere legitimidade ao progresso “necessário”. Como diz Walter Benjamin na XIII tese sobre o conceito de história, “a representação de um progresso do gênero humano na história é inseparável da representação do avanço dessa história percorrendo um tempo homogêneo e vazio”. Neste contexto, a função do historiador historicista - perfeita expressão destas ideologias do progresso – resume-se a necessidade de mobilizar “a massa dos fatos para preencher o tempo homogêneo e vazio”, segundo afirmou o filósofo alemão (2005, p.130) na XVII tese³.

A burguesia guindou-se ao poder sob o signo da história, e, nesse sentido, sob a conivência e imponência do tempo. “Seus negócios serviam ao progresso. O progresso constituía seu negócio” (BENSAÏD, 1999, p.124). Por isso a sua adesão ao “poder da história”: a racionalidade da história era a comprovação conceitual da racionalidade – agora absoluta – do próprio capitalismo. A astúcia da história havia promovido a burguesia ao poder, e sua reprodução passava a ser, desde então, uma necessidade para comprovação de que, enfim, o progresso instalara-se em definitivo: para a burguesia, “houve história, mas já não há mais”, como disse Marx. A racionalidade da história só poderia ser, portanto, uma racionalidade decretada de maneira formal e abstrata, que anuncia o *progresso* como a decorrência necessária do avanço do tempo homogêneo e linear. Nesta concepção do *progresso*,

“el tiempo lineal produce una separación (o aniquilamiento) del pasado respecto del presente. El pasado codificado como lo que ‘realmente fue’, es algo irreversible. Nos obliga a pensar que lo que existe es el presente y que el presente el lo que *es*, nada más. Es decir, la idea del pasado como lo irreversible es una identidad: el presente como lo único existente” (TISCHLER, 2004, p.132).

O passado transforma-se em um prelúdio necessário de sua evolução posterior ao presente: “apenas os vitoriosos (no sentido daqueles cujas aspirações anteciparam a

³ As *Teses sobre o conceito de história* foram redigidas por Walter Benjamin em 1940, meses antes do seu suicídio, na fronteira da França com a Espanha. Estimulada diretamente pelo pacto germânico-soviético, pela eclosão da Segunda Guerra e pela ocupação nazista da Europa, o documento é portador, no entanto, como destaca Michael Löwy, de “um significado que supera, de longe, a constelação trágica que o fez nascer”, colocando questões relativas a toda a história moderna (LÖWY, 2005, p.35).



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

evolução posterior) são lembrados. Os becos sem saída, as causas perdidas e os próprios perdedores são esquecidos” (THOMPSON, 1987, p.13).

A temporalidade abstrata e homogênea do “progresso” constitui, portanto, a despeito de suas versões à esquerda, marxistas ou não, uma forma de racionalização da ordem estabelecida, a cujas perspectivas está entregue, de agora em diante, o progresso da humanidade. Com a sociedade burguesa, o *novo* do progresso transforma-se, então, na contínua reafirmação do estado de coisas existente: nós continuamos a viver sob a dominação de um tempo que, “vazio e homogêneo” como insistiu Walter Benjamin, não dá lugar às transformações sociais qualitativas, ou, melhor dizendo, à revolução social das formas de vida vigentes.

Desta perspectiva, o fetiche do novo, que move a fantasmagoria mercantil – muito bem representada pela *moda* –, condiciona a constituição de um tempo que, na verdade, aparece como o eterno retorno do sempre-igual. “Essa aparência do novo se reflete, como um espelho no outro, na aparência da repetição do sempre-igual” (BENJAMIN, 2006a: 48). A “novidade” das mercadorias recobre, portanto, a ação de uma temporalidade mortífera que se impõe abstratamente aos homens, nas múltiplas dimensões de sua vida. Para Benjamin, uma sociedade dominada por suas próprias fantasmagorias, como o capitalismo moderno, está circunscrita à repetição do *idêntico*, sob o signo de uma “teologia do inferno” a serviço do valor de troca. Uma das principais funções da noção de progresso é a ocultação, sob o predomínio de uma temporalidade abstrata, desta repetição infernal do *mesmo*. Explica-se, assim, o sentimento de melancolia (*spleen*) presente em Baudelaire, sentimento que, nas palavras de Benjamin, “corresponde à catástrofe em permanência” (BENJAMIN, 1989, p.154). Em *O Cisne*, célebre poema de *As Flores do Mal*, Baudelaire afirmou:

*Paris mudou! Porém minha melancolia
É sempre igual: torrões, andaimarias, blocos,
Arrabaldes, em tudo eu vejo alegoria,
Minhas lembranças são mais pesadas que socos.*

Memória coletiva e lutas sociais na contramão da temporalidade abstrata do progresso

Exatamente por isso, a ruptura com a temporalidade linear do *continuum* histórico “oficial”, e a construção de outra concepção do tempo e da história – a partir da memória coletiva da *tradição dos oprimidos* -, constituem, ainda hoje, uma dimensão



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

fundamental dos processos de resistência prática e teórica das classes subalternas à dominação do capital e do fetichismo do progresso. Em vários dos seus textos, principalmente (mas não só) aqueles em que o autor está mais próximo do marxismo, como o projeto das *Passagens* ou as *Teses sobre o conceito de história*, dentre outros, Walter Benjamin destacou a necessidade de uma crítica radical das ideologias do progresso abstrato, cuja conseqüência mais importante é a constituição de uma outra forma de relação com o passado e com as tradições dos vencidos e oprimidos da história.

Da perspectiva de Walter Benjamin, o passado não deve ser compreendido como uma objetividade petrificada, que confirma a veracidade da história dos vencedores do presente; antes, ele permanece aberto, e sua rememoração vincula-se à capacidade das classes subalternas do presente de resgatar “a contrapelo” a tradição dos oprimidos e dos “ancestrais escravizados” (Tese XII). Para Walter Benjamin, “os dominantes do presente são os herdeiros de todos os que, algum dia, venceram. [...] Todo aquele que, até hoje, obteve a vitória, marcha junto no cortejo de triunfo que conduz os dominantes de hoje a marcharem por cima dos que, hoje, jazem por terra” (BENJAMIN, 2005, p.70). Em conseqüência, tal como o presente, o passado também é um terreno fundamental da luta de classes: a rememoração histórica das lutas das classes subalternas do passado constitui um aspecto decisivo do enfrentamento teórico e prático contra a objetividade reificada da história dos vencedores, transmitida pela herança dos “bens culturais” da humanidade⁴.

Daí que, para o filósofo alemão, a *tarefa* por excelência do materialista histórico é *escovar a história a contrapelo*, subvertendo a partir do presente a racionalidade contemplativa das narrativas do progresso, cujos representantes se “identificam afetivamente” com as classes dominantes, como ele diz na VII tese sobre o conceito de história (BENJAMIN, 2005, p.70). O recurso às tradições revolucionárias dos vencidos do passado possibilita uma “quebra” da continuidade histórica dos vencedores: não mais

⁴ “Nunca há um documento de cultura que não seja, ao mesmo tempo, um documento da barbárie”, diz Benjamin (2005, p.70) na VII tese. Com esta afirmação, o filósofo alemão acena para uma concepção dialética da cultura: o progresso transmitido pelos tesouros culturais coincide com a mobilização história permanente da barbárie. Esta, a razão pela qual Benjamin conclama o materialismo histórico a desconfiar dos pretensos “tesouros culturais” da humanidade; para ele, estes “tesouros” não são mais do que “restos mortais provocados pelos vencedores na procissão triunfal, despojos que tem por função confirmar, ilustrar e validar a superioridade dos poderosos”. A tal respeito, Cf. o texto de Löwy, “*A Rebrousse-poil. La conception dialectique de la culture dans les thèses de Walter Benjamin (1940)*” publicado na revista *Les temps modernes*, n.575, 1994.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

um progresso que percorre um tempo homogêneo e linear, a história torna-se, então, a história da luta de classes, e, sobretudo, a história da resistência das classes subalternas do passado ao caráter destrutivo do progresso em marcha. Rememorado, o passado é introduzido no presente, de tal forma que a emancipação do agora manifesta uma dupla libertação: dos vencidos do passado e do presente. No “tempo entrecruzado” que Benjamin visualizou na obra de Marcel Proust, “o passado se reflete no instante” (BENJAMIN, 1994, p.45), validando a sua presença e a sua possível “salvação” no presente (Cf. GAGNEBIN, 1994, p.15, 16).

É nesse sentido que, segundo Walter Benjamin, o presente “atualiza” o passado, arrancando a tradição do conformismo que dela busca se apoderar. Mais do que uma rememoração melancólica e passiva dos sofrimentos vividos pelos vencidos da história, a aproximação com o passado orienta-se pelas lutas das classes subalternas do presente, que buscam ainda hoje *realizar as esperanças pretéritas*. Em uma carta à Arndt Ruge, de 1843, Marx ressaltou esta dimensão qualitativa do tempo, destacando a possibilidade de uma relação ativa com o passado; em suas palavras, “no se trata de trazar uma recta del pasado al futuro, sino de realizar las ideas del pasado” (MARX, 1970, p.69). Na temporalidade *revolucionária* das lutas e resistências dos oprimidos, “el presente redime el pasado, el qual se presenta como forma congelada del tiempo em el tiempo abstracto”, pois “solo la redención del pasado permite el rompimiento con la temporalidad abstracta, con el mito del progreso” (TISCHLER, 2004, p.132).

O primado político do presente constitui acima de tudo, na concepção da história de Walter Benjamin, uma forma de ruptura com a objetividade reificada da temporalidade abstrata do progresso: “a citação do passado a comparecer contradiz o postulado de um tempo irreversível e não modificável. A história crítica não pode anular aquilo que foi, mas pode redistribuir-lhe o sentido”, como bem observou Daniel Bensaïd (1999, p.130). Desde o presente, “a história é objeto de uma construção, cujo lugar não é formado pelo tempo homogêneo e vazio, mas por aquele saturado pelo tempo-de-agora (*Jetztzeit*)”, disse Walter Benjamin (2005, p.119) na XIV tese sobre o conceito de história. Eis porque, para o filósofo alemão, “o materialismo histórico não pode renunciar ao conceito de um presente que não é transição, mas no qual o tempo estanca e fica imóvel (*Stillstand*). Pois esse conceito define exatamente o presente em que ele escreva a história para si mesmo”. O presente – ou “tempo-de-agora” - torna-se assim um momento de *seleção dos possíveis*, sob o qual se encontram as possibilidades



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

de rememoração do passado e de *despertar* para um novo futuro. Nas palavras do próprio Benjamin (2006, p.513), é sempre o presente que “polariza o acontecimento em história anterior e história posterior”. É a luta de classes do presente que define as possibilidades de interrupção revolucionária do curso do mundo e, nesse sentido, de redenção dos vencidos do passado.

Para Walter Benjamin, como para o próprio Marx, rigorosamente, “a temporalidade não existe. Ela ‘se temporaliza’. Para Marx, ela se temporaliza no presente, a partir do processo de produção e de reprodução, de onde surgem as figuras indecisas da luta” (BENSAÏD, 1999, p.125). Da perspectiva de Daniel Bensaïd (1999), já em sua crítica da economia política, Marx destacou uma “nova escrita da história” e uma “nova escuta do tempo”⁵. Na opinião do filósofo francês, ao percorrer a lógica irregular da produção, circulação e reprodução global do capital, Marx “põe em ação uma nova representação da história e uma organização conceitual do tempo como relação social: ciclos e rotações, ritmos e crises, movimentos e contratempos estratégicos. A antiga filosofia da história extingue-se, por um lado, na crítica do fetichismo mercantil, e, por outro, na subversão política da ordem estabelecida” (BENSAÏD, 1999, p.13). A nova escrita da história, anunciada por Marx, constitui uma ruptura tanto com o “tempo sagrado da salvação” quanto com o “tempo abstrato da física”: o tempo “não é mais o motor da História, seu princípio secreto dinamizado em força, mas a relação social conflitual da produção e da troca” (BENSAÏD, 1999, p.109).

O acesso à dimensão social do tempo, capaz de romper a reificação abstrata da temporalidade, torna-se possível em razão dos vínculos da teoria social revolucionária com o ponto de vista do sujeito coletivo que realiza o trabalho concreto. A perspectiva a partir da qual Marx efetua a crítica das “abstrações reais” do capitalismo é o do trabalho concreto, qualitativo, como sujeito, que resiste à condição de mercadoria. É deste ponto de vista, e somente dele, que o filósofo alemão pôde revelar as abstrações do tempo sob o capitalismo como um fenômeno social, como uma “abstração determinada” que deita suas raízes na dinâmica de exploração e dominação do capital. O trabalho abstrato aparece, em consequência, como alienação do trabalho concreto, e o conflito entre eles assume a forma de um verdadeiro conflito de temporalidades. Com esta “revolução conceitual no tempo”, Marx expõe o “despotismo temporal” do capital como uma

⁵ “Uma nova escrita da história é também uma nova escuta e uma nova escrita do tempo” (BENSAÏD, 1999, p.105).



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

decorrência socialmente necessária da sua exploração do trabalho vivo, em cuja existência irreduzível encontra-se a possibilidade de resistência política, ou seja, de formação da classe como um sujeito social que luta contra a sua redução a condição de força de trabalho, de mercadoria, enfim, de objeto.

A classe significa, deste modo, não uma definição formal e/ou sociológica, senão um processo concreto de constituição de um sujeito coletivo na história, que só existe, efetivamente, na relação conflitual com as outras classes. As classes remetem antes de tudo a um *sistema de relações estruturado pela luta* (BENSAÏD, 1999, p.145), como se pode atestar principalmente nos escritos políticos de Marx (*As lutas de classes na França, O dezoito brumário, A guerra civil na França*). Como um *fenômeno histórico*, a classe não é uma “estrutura” e tampouco uma “categoria”, mas sim um processo de formação que ocorre efetivamente nas relações humanas. “Não podemos ter amor sem amantes, nem submissão sem senhores rurais e camponeses”, afirmou E. P. Thompson (1987, p.10). No capitalismo, as lutas das classes subalternas assumem um antagonismo que, no limite, é também uma forma de temporalidade negativa, subversiva, que resiste ao tempo e ao trabalho abstrato do capital. O objetivo máximo da luta dos oprimidos e dos explorados é interromper a dominação abstrata do tempo: “a consciência de fazer explodir o contínuo da história é própria das classes revolucionárias no instante de sua ação”, assinalou Benjamin (2005, p.123) na tese XV.

Não por acaso, a revolução social apresenta-se como a luta radical contra a subordinação ao tempo linear e abstrato. A “temporalidade messiânica” das revoluções – como dizia Benjamin – enfrenta-se diretamente com o tempo objetivado do capital: ela constitui uma ruptura radical com o tempo homogêneo do progresso. “A sociedade de classes não é o objetivo final do progresso na história, e sim sua interrupção muitas vezes fracassada e finalmente alcançada” (BENJAMIN, 2006a, p.30). Ao quebrar o *continuum* do progresso abstrato, estabelece-se uma relação ativa com o passado, que reaparece como um momento fundamental da redenção revolucionária do presente. Aboli-se, assim, a atitude contemplativa diante das leis objetivas do progresso; “é preciso renunciar à contemplação, característica do historicismo”, diz Benjamin (2000, p.175) no ensaio sobre Eduard Fuchs. Sob a mediação das relações sociais e da luta de classes do presente, as experiências do passado retornam para compor uma “constelação” revolucionária cuja temporalidade da rebelião reúne, além do próprio passado, o presente e o futuro.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

A tradição dos oprimidos contra o progresso: a atualidade latino-americana de Walter Benjamin

Na América Latina, em especial, a crítica de Walter Benjamin à temporalidade abstrata do progresso possibilita o resgate e a rememoração de uma fértil tradição dos oprimidos, cujas lutas e sonhos de emancipação assumem hoje uma dimensão ainda mais urgente. “Escovar a contrapelo” a história latino-americana significa acima de tudo um rechaço radical de qualquer identificação afetiva com os vencedores e os “heróis” exaltados nas proclamações oficiais do Quinto Centenário, em 1992: “conquistadores e missionários, e as potências européias que pretendiam levar ‘religião, cultura e civilização aos índios selvagens’” (LÖWY, 2008, p.84). Desta perspectiva, os documentos da cultura colonial são considerados ao mesmo tempo como “documentos da barbárie” - como diria Benjamin, na VII tese sobre o conceito de história -, ou seja, como produtos da guerra e da espoliação colonial e imperialista. Nas palavras de Gustavo Gutiérrez – figura expressiva da teologia da libertação -, em um ensaio sobre o Quinto Centenário: “Hay que tener el coraje de leer los hechos a partir del reverso de la historia [...]. La historia escrita a partir del punto de vista del dominador nos há ocultado por mucho tiempo aspectos importantes de la realidad” (apud LÖWY, 2008, p.87).

Subverter desde baixo a história “oficial” da América Latina implica, portanto, a revalorização das raízes indígenas e da memória popular do passado – e do presente – da região, tal como insistiu o verdadeiro fundador do marxismo latino-americano José Carlos Mariátegui⁶. Esta dimensão do passado, silenciada pela história oficial do progresso, reaparece como fonte de inspiração para as lutas do presente. No manifesto “Brasil 500 anos de resistência indígena, negra e popular”, afirma-se claramente a necessidade de uma releitura – a *contrapelo* – da história brasileira e latino-americana: “Nós, povos indígenas, movimento negro, movimentos sociais e entidades articuladas em torno do movimento *Brasil: 500 anos de resistência indígena, negra e popular*, fazemos uma leitura de nossa história a partir de um lugar bem definido: aquele dos que sofreram e lutaram contra a espoliação colonial e a exploração de classes, dos

⁶ A concepção de Mariátegui do tempo e da história aproxima-se significativamente da perspectiva benjaminiana. “Tanto para uno como para otro, la dimensión del pasado posee una carga fundamental. Entendido como lo que está irremediavelmente perdido, como aquello que quedó trunco, el pasado guarda un índice de fe, una potencialidad que irrumpe a la manera de relámpago y que a modo de promesa exigen el presente su redención” (CUESTA, 2009, p.81).



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

condenados da terra, das periferias das cidades e da história oficial. Não acreditamos em uma história escrita pelas classes dominantes, na qual estas se colocam como protagonistas únicas e vencedoras incontestáveis [...]. Pretendemos, através de nosso movimento, desmistificar a construção da mentira oficial e revelar a verdade histórica vivida pelos setores indígenas, pelos povos negros escravizados, pelas classes sociais e setores populares explorados e excluídos”⁷.

Na contramão da temporalidade abstrata, que legitima os males do presente como um subproduto necessário do progresso, a leitura da história a partir do ponto de vista dos vencidos almeja, de um lado, assinalar criticamente a continuidade da exploração e da espoliação humana e natural e, de outro, reativar os aspectos do passado portadores de “imagens-de-desejo” utópicas (Ernst Bloch). Em *As veias abertas da América Latina*, o brilhante escritor uruguaio Eduardo Galeano afirmou, em termos quase benjaminianos: “La historia es un profeta con la mirada vuelta hacia atrás: por lo que fue, y contra lo que fue, anuncia lo que será” (GALEANO, 2004, p.22). Para ele, a história latino-americana é a história do saque, do despojo e da destruição violenta das comunidades indígenas tradicionais: “desde el descubrimiento hasta nuestros días, todo se há trasmutado siempre em capital europeo o, más tarde, norteamericano, y como tal se ha acumulado y se acumula em los lejanos centros de poder. Todo: la tierra, sus frutos y sus profundidades ricas em minerales, los hombres y su capacidad de trabajo y de consumo, los recursos naturales y los recursos humanos. El modo de producción y la estructura de clases de cada lugar han sido sucesivamente determinados, desde fuera, por su incorporación al engranaje universal del capitalismo” (GALEANO, 2004, p.14).

Nos tempos contemporâneos, movimentos sociais como o EZLN (Ejército Zapatista de Libertación Nacional) estabelecem uma relação ativa com as lutas e resistências coletivas do passado ao progresso capitalista na região. Para Sérgio Tischler (2004, p.133), “los zapatistas aleboran sus certezas trabajando em la profundidad del tiempo colectivo, em la continuidad de luchas y resistencias del tiempo colectivo de las que son parte activa. Saben que ellos recobran la continuidad de um tiempo que el Estado mexicano se había esforzado por fragmentar o de codificar como um tiempo muerto, pasado, como identidad del mismo poder”. A memória coletiva das lutas sociais do passado revitaliza a “potência criativa da tradição” (MATAMOROS, 2009, p.259), “atualizando-a” como um elemento profícuo ao questionamento não só do capitalismo

⁷ Disponível em: <http://alainet.org/active/707&lang=es>.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

atual, senão de toda a narrativa abstrata e formalista do progresso. Na Primeira Declaração da Selva Lacandona, os zapatistas declaram: “hermanos mexicanos, somos producto de 500 años de luchas”⁸. Mais de uma década depois, na Sexta Declaração, de 2005, o movimento reafirma a sua filiação às lutas do passado latino-americano: “queremos decirle a los pueblos latinoamericanos que es para nosotros un orgullo ser una parte de ustedes, aunque sea pequeña. Que bien que nos acordamos cuando hace años también se iluminaba el continente y una luz se llamaba Che Guevara, como antes se llamó Bolívar”⁹.

Do presente, a recusa das “ideologias do progresso” possibilita a elaboração de uma nova visão do passado, na qual as formas de resistência ao caráter destrutivo e desumano do progresso *capitalista* não são mais concebidas como obstáculos efêmeros à marcha infalível da história. Ao contrário. Como bem destaca Hector Alimonda (2007: 81):

“Si lo decisivo en los orígenes del capitalismo es la transformación de seres humanos y naturaleza em mercaderías ficticias, las luchas de resistencia contra estos procesos de mercantilización pasan a adquirir una nueva dimensión trascendental. Ya no se trata de resistencias em nombre de la negación del progreso, como pretendió la hegemonía del iluminismo liberal y del marxismo normatizado. Es posible leerlas ahora como formas de resistencia basadas en la defensa de formas tradicionales de organización social para el uso y disposición de los recursos humanos y naturales, frente a los embates de la mercantilización”.

Nesta perspectiva, a defesa de Walter Benjamin de um marxismo em ruptura com a temporalidade abstrata das ideologias do progresso assume, no contexto latino-americano, uma impressionante atualidade, que corresponde às necessidades do pensamento crítico da região: tão-somente uma análise capaz de subverter a temporalidade abstrata da história oficial é capaz de compreender desde um ponto de vista anticapitalista as especificidades periféricas da América Latina, elo débil do desenvolvimento desigual e combinado do capitalismo. A própria história das sociedades latino-americanas, cuja evolução revela a face mais perversa do desenvolvimento do capitalismo, desmistifica concretamente o caráter abstrato das ideologias do progresso, comprovando, assim, a necessidade – reivindicada por Benjamin (2006b, p.502) no projeto das *Passagens* – de um “materialismo histórico que aniquilou em si a idéia de progresso”.

⁸ Disponível em: <http://www.ezln.org/documentos/1994/199312xx.es.htm>.

⁹ Disponível em: <http://enlacezapatista.ezln.org.mx/especiales/2>.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

No contexto latino-americano, o resgate e a rememoração do passado, mais do que um mero imperativo teórico ou místico, constituem antes uma dimensão fundamental das lutas sociais contemporâneas contra a destrutividade (humana e ecológica) do progresso capitalista. Na II tese sobre o conceito de história, Walter Benjamin (2005, p.48) reafirmou a necessidade de uma rememoração coletiva da tradição dos oprimidos do passado. Em suas palavras, “o passado leva consigo um índice secreto pelo qual ele é remetido à redenção”. Ora, o passado latino-americano, em suas lutas e resistências ao progresso colonialista/imperialista, aguarda ainda hoje uma reparação histórica, cuja realização depende das potencialidades das lutas sociais do presente. Assentando-se neste passado que clama por uma redenção profana, revolucionária, o socialismo latino-americano não pode ser – como defendeu Mariátegui – nem “imitação” nem “cópia” dos modelos (supra) históricos erigidos sob solo europeu, mas sim o resultado de uma “criação heróica”, que se constrói sob a base dos “elementos de socialismo prático” envolvidos nas comunidades indígenas do passado. Para Mariátegui, os mitos e as tradições construídas pelas comunidades indígenas da América Latina revelam as potencialidades revolucionárias inscritas nas experiências sociais do passado e do presente indígena e popular na região.

Deste ângulo, é no mínimo um tanto paradoxal que precisamente John Holloway, um dos mais destacados “porta-vozes” teóricos da rebelião zapatista em Chiapas, tenha redigido, em um texto intitulado “Conduce tu carro y tu arado sobre los huesos de los muertos”, as seguintes palavras: “Escupe a la historia porque no hay nada más reaccionario que el culto al pasado. [...] El pensamiento revolucionário significa deshacerse de esta pesadilla, despertar y descubrir nuestras responsabilidades” (2003, p.73). Ao identificar a tradição a um “pesadelo” cuja rememoração alimenta um culto reacionário do passado, Holloway reproduz uma concepção contemplativa da história e do passado, concebido como um tempo acabado sem nenhuma relação com o presente (CANTOR, 2004, p.189). Em conseqüência, o autor de *Mudar o mundo sem tomar o poder* impossibilita-se de compreender a dimensão revolucionária da tradição dos oprimidos, cujas lutas e resistências interromperam no passado a continuidade histórica dos vencedores. Holloway não percebe, portanto, a potencialidade utópica das lutas de emancipação do passado, que podem se constituir em uma formidável fonte de inspiração para as lutas do presente contra a temporalidade abstrata do moderno culto ao progresso. Conforme nos mostrou tanto Benjamin quanto Mariátegui, ao ser reativado



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

no presente, o passado dos vencidos da história reaparece para desautorizar a temporalidade linear e homogênea do progresso, articulando uma “imagem dialética” capaz de unificar passado e presente, resistência pretérita e luta anticapitalista contemporânea.

Eis aí, portanto, algumas das razões que comprovam a importância e a atualidade – sobretudo latino-americana – de Walter Benjamin para a construção de uma memória coletiva e de uma subjetividade revolucionária das classes subalternas, na contramão da temporalidade abstrata do progresso, que vê no passado tão-apenas a prefiguração de um presente agora absoluto. Na obra de Benjamin, a crítica do progresso combina-se com a defesa de uma *reabertura* da história e do passado, cuja rememoração coletiva pode auxiliar as lutas anticapitalistas do presente. Na América Latina, este imperativo é ainda mais decisivo, pois diz respeito às próprias especificidades históricas da região: o passado das resistências indígenas e populares retorna como prefiguração das lutas atuais contra as novas feições da modernização capitalista. Desta constelação, pode emergir uma nova temporalidade, coletiva e revolucionária, capaz de resgatar e realizar no presente as esperanças do passado, e assim subverter em suas bases o tempo abstrato do mundo do capital. Pois, como disse Benjamin (2005, p.65) na VI tese sobre o conceito de história, “o dom de atear ao passado a centelha da esperança pertence somente àquele historiador que está perpassado pela convicção de que também os mortos não estarão seguros diante do inimigo, se ele for vitorioso. E isso inimigo não tem cessado de vencer”.

Bibliografia

ALIMONDA, Hector. “La ecología política de Mariátegui. Buscando una herencia en Lima”. En publicación: Tareas, no. 125. CELA, Centro de Estudios Latinoamericanos Justo Arosemena, Panamá, 2007.

BENJAMIN, Walter. “Eduard Fuchs, collectionneur et historien”. In: Oeuvres III. Paris, Éditions Gallimard, 2000.

_____. “Paris, Capital do século XX”. In: Passagens. Belo Horizonte, Editora UFMG; São Paulo, Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006a.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

_____. “Teoria do Conhecimento, Teoria do Progresso”. In: Passagens. Belo Horizonte: Editora UFMG; São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo, 2006b.

_____. “Teses sobre o conceito da história”. In: LÖWY, M. Alarme de incêndio: uma leitura das teses sobre o conceito de história. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

BENOÏT, Hector. “Sobre a crítica (dialética) de O Capital”. Crítica Marxista. São Paulo: Brasiliense, 1996.

BENSAÏD, Daniel. Marx intempestivo: grandezas e misérias de uma aventura crítica. São Paulo: Civilização Brasileira, 1999.

CANTOR, Renan Vega. “Es posible conciliar la tradición con la revolución? A propósito de ‘Conduce tu carro y tu arado sobre los huesos de los muertos’ de John Holloway”. Herramienta, Buenos Aires, n.25, 2004.

CUESTA, Micaela. “Modos de leer la historia: José Carlos Mariátegui a la luz de Walter Benjamin”. In: FERREYRA, S.; RODRÍGUEZ, E.; MAZZEO, M.; GRECO, M. F.; CUESTA, M.; PELLER, M. Vigencia de J. C. Mariátegui Ensayos sobre su pensamiento. Buenos Aires: Editorial Dialektik, 2009. pp.81-100.

DEBORD, Guy. A Sociedade do Espetáculo. Comentários sobre a sociedade do espetáculo. Tradução: Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: contraponto, 1997.

GAGNEBIN, Jeanne-Marie. História e narração em Walter Benjamin. São Paulo: Perspectivas, 2007.

GALEANO, Eduardo. Las venas abiertas de América Latina. Montevideo: ediciones del chanchito, 2004.

GOLDMANN, Lucien. “A reificação”. In: Dialética e Cultura. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.



Recordando a

Walter Benjamin

Justicia, Historia y Verdad. Escrituras de la Memoria.

III SEMINARIO INTERNACIONAL
POLÍTICAS DE LA MEMORIA

CENTRO CULTURAL DE LA MEMORIA HAROLDO CONTI
Buenos Aires - Argentina

HOLLOWAY, John. “Conduce tu carro y tu arado sobre los huesos de los muertos”.
Herramienta, Buenos Aires, n.24, 2003, pp.172-180.

LÖWY, Michael. “A Rebrousse-poil”. La conception dialectique de la culture dans les
thèses de Walter Benjamin (1940). Les Temps Modernes. n.575. Juin 1994.

_____. Alarme de incêndio: uma leitura das teses sobre o conceito de
história. São Paulo: Boitempo Editorial, 2005.

_____. “El punto de vista de los vencidos en la historia de América Latina.
Reflexiones metodológicas a partir de Walter Benjamin”. In: VEDDA, Miguel. (org.).
Constelaciones dialécticas. Tentativas sobre Walter Benjamin. Buenos Aires,
Herramienta, 2008. pp.81-90.

LUKÁCS, Georg. História e Consciência de Classe. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

MARX, Karl. Los anales franco-alemanes. Martínez Roça: Barcelona, 1970.

_____. Miséria da Filosofia. São Paulo: Centauro, 2001.

MATAMOROS PONCE, Fernando. Memória y utopía en México. Imaginários en la
génesis del neozapatismo. Buenos Aires: Herramienta Ediciones, 2009.

TISCHLER, Sergio. “Tiempo de la reificación y tiempo de la insubordinación”.
Herramienta, n.25, Buenos Aires, 2004.

_____. “Tiempo y emancipación. Mijail Bajtin y Walter Benjamin em la
Selva Lacandona”. In: VEDDA, Miguel. (org.). Constelaciones dialécticas. Tentativas
sobre Walter Benjamin. Buenos Aires, Herramienta, 2008. pp.105-144.

THOMPSON, Edward Palmer. A formação da classe operária inglesa. Vol.1. A árvore
da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

_____. “Tempo, disciplina de trabalho e o capitalismo
industrial”. In: Costumes em Comum. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.